

## VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E HUMANIZAÇÃO DO PARTO: UMA REVISÃO CRÍTICA SOB A ÓTICA DA ENFERMAGEM

OBSTETRIC VIOLENCE AND HUMANIZATION OF CHILDBIRTH: A CRITICAL REVIEW FROM THE PERSPECTIVE OF NURSING

VIOLENCIA OBSTÉTRICA Y HUMANIZACIÓN DEL PARTO: UNA REVISIÓN CRÍTICA DESDE LA PERSPECTIVA DE ENFERMERÍA

Erika Malheiros Barboza<sup>1</sup>  
Matheus Santana da Silva<sup>2</sup>  
Wanderson Alves Ribeiro<sup>3</sup>  
Felipe de Castro Felicio<sup>4</sup>

**RESUMO:** Esse artigo buscou investigar o aumento da violência obstétrica a partir da visão do enfermeiro. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão sistemática da literatura como metodologia. Este método é valorizado por sua capacidade de examinar e organizar estudos já realizados. **Resultados e discussão:** O conjunto de artigos revisados oferece uma visão abrangente sobre a violência obstétrica, um problema complexo que envolve questões estruturais, culturais e institucionais na assistência à saúde das mulheres durante a gestação, parto e pós-parto. Para reduzir a violência obstétrica, é essencial transformar os paradigmas assistenciais, adotando um modelo que respeite a autonomia da mulher e promova o acolhimento e valorização das suas escolhas. **Conclusão:** Em resumo, a violência obstétrica é uma questão de saúde pública urgente, que exige uma ação coordenada entre profissionais de saúde, gestores, políticas públicas e a sociedade. A enfermagem, com sua proximidade no cuidado diário, tem um papel fundamental na mudança desse cenário, sendo capaz de transformar a experiência do parto e do pós-parto por meio de práticas mais respeitosas e humanizadas.

564

**Palavras-chave:** Violência Obstétrica. Parto e Pós-Parto. Enfermagem. Humanização.

**ABSTRACT:** This article sought to investigate the increase in obstetric violence from the nurse's point of view. **Methodology:** This is a systematic review of the literature as a methodology. This method is valued for its ability to examine and organize studies already carried out. **Results and discussion:** The set of reviewed articles offers a comprehensive view of obstetric violence, a complex problem that involves structural, cultural, and institutional issues in women's health care during pregnancy, childbirth, and postpartum. To reduce obstetric violence, it is essential to transform care paradigms, adopting a model that respects women's autonomy and promotes the acceptance and appreciation of their choices. **Conclusion:** In summary, obstetric violence is an urgent public health issue, which requires coordinated action between health professionals, managers, public policies and society. Nursing, with its proximity to daily care, plays a fundamental role in changing this scenario, being able to transform the experience of childbirth and postpartum through more respectful and humanized practices.

**Keywords:** Obstetric Violence. Childbirth and Postpartum. Nursing. Humanization.

<sup>1</sup>Enfermeira, Universidade Iguazu.

<sup>2</sup>Enfermeiro, Universidade Iguazu.

<sup>3</sup>Graduado em Enfermagem; Mestre e Doutor em ciências do cuidado em saúde pela PACCS/UFF; Docente na graduação em enfermagem da Universidade Iguazu

<sup>4</sup>Enfermeiro.Especialista em Urgência e emergência. Especialista em Terapia intensiva. Especialista em Saúde da Família. Mestre em Saúde materni- infantil – UFF. Professor assistente de Enfermagem UNIG.

**RESUMEN:** Este artículo buscó investigar el aumento de la violencia obstétrica desde el punto de vista de la enfermera. **Metodología:** Se trata de una revisión sistemática de la literatura como metodología. Este método es valorado por su capacidad para examinar y organizar estudios ya realizados. **Resultados y discusión:** El conjunto de artículos revisados ofrece una visión integral de la violencia obstétrica, una problemática compleja que involucra cuestiones estructurales, culturales e institucionales en la atención de la salud de la mujer durante el embarazo, parto y puerperio. Para reducir la violencia obstétrica es fundamental transformar los paradigmas de atención, adoptando un modelo que respete la autonomía de las mujeres y promueva la aceptación y valoración de sus opciones. **Conclusión:** En resumen, la violencia obstétrica es un problema urgente de salud pública, que requiere una acción coordinada entre los profesionales de la salud, los gestores, las políticas públicas y la sociedad. La enfermería, con su proximidad a los cuidados cotidianos, juega un papel fundamental en el cambio de este escenario, pudiendo transformar la experiencia del parto y el posparto a través de prácticas más respetuosas y humanizadas.

**Palabras clave:** Violencia obstétrica. Parto y posparto. Enfermería. Humanización.

## INTRODUÇÃO

O cuidado obstétrico evoluiu historicamente. Inicialmente familiar e feminino, a urbanização e as universidades do século XIX impactaram a assistência ao parto (Ribeiro et al., 2020). O cuidado obstétrico passou de um evento familiar e feminino para a medicalização no século XIX, introduzindo práticas violentas no parto. Essa transição, com a substituição das mulheres por profissionais médicos, levou a intervenções excessivas e violência obstétrica, incluindo negligência e procedimentos sem respaldo científico. A hospitalização exacerbou esses problemas, impactando a saúde e o bem-estar das gestantes (Paiva et al., 2021).

Ribeiro et al. (2020) explicam que a violência obstétrica (VO) resulta da opressão patriarcal, que subjuga os corpos femininos, limitando seu poder e expressão. Isso leva à despersonalização das mulheres, reduzindo-as a meros úteros, máquinas de procriação, e tirando sua identidade e integridade.

A violência durante o parto pode ser sistematizada como qualquer ação ou intervenção no processo de nascimento do binômio mãe-filho realizada sem o consentimento prévio da mulher (Silva et al., 2020), incluindo, mas não limitado a, agressões físicas, psicológicas, sexuais, patrimoniais e morais (Jardim; Modena, 2018).

A VO acarreta uma série de repercussões na saúde da mãe e da criança durante o ciclo gravídico-puerperal. Isso pode incluir o início tardio do pré-natal, maior probabilidade de trabalho de parto prematuro, baixo peso ao nascer, maior utilização de recursos de assistência à saúde e uso de medicamentos (Marcacine et al., 2018). A agressão obstétrica pode causar sérios

problemas de saúde, como cefaleia, complicações obstétricas, ruptura prematura de membranas, infecções urinárias, sangramento vaginal e desmame precoce. Além disso, está associada a taxas mais altas de mortalidade perinatal e neonatal (Fiorotti et al., 2018).

A humanização e a melhoria na qualidade da assistência à saúde desempenham um papel crucial na transformação da realidade atual e no fortalecimento da capacidade das mulheres para enfrentar os desafios identificados e reivindicar seus direitos (Menezes et al., 2020). Na assistência atual, a mulher fica em segundo plano no parto, em um ambiente controlado com regras institucionais que a afastam de sua cultura. Isso pode minar sua confiança na capacidade natural de dar à luz (Jardim; Modena, 2018).

A VO emerge como uma preocupação premente que afeta mulheres globalmente. Ela deve ser considerada um dos principais catalisadores das disparidades nos resultados de saúde materno-infantil, pois engloba a desumanização, falta de respeito, abuso e maus-tratos nos domínios da saúde sexual e reprodutiva, bem como dos direitos humanos (Paula et al., 2020).

É amplamente reconhecido que a humanização, a prestação de serviços de qualidade, a implementação de práticas baseadas em evidências e procedimentos benéficos desempenham um papel fundamental no cuidado durante o período gravídico-puerperal, contribuindo significativamente para o bem-estar das mulheres (Menezes et al., 2020). Assim, a Declaração da Organização Mundial da Saúde (OMS) enfatiza que, em todo o mundo, muitas mulheres enfrentam abusos, desrespeito e tratamento inadequado durante o processo de parto em estabelecimentos de saúde (Fiorotti et al., 2018). Esse tipo de tratamento não apenas viola os direitos das mulheres à assistência respeitosa, mas também ameaça seus direitos à vida, saúde, integridade física e igualdade (Ribeiro et al., 2020).

Paula et al. (2020) reforçam que a abordagem baseada na declaração da OMS busca romper com modelos obstétricos ultrapassados, priorizando a dignidade feminina como direito fundamental. Essa mudança de perspectiva favorece a eliminação dos antigos modelos obstétricos. Paiva et al. (2021) e Ribeiro et al. (2020) salientam que o Brasil ocupa a segunda posição global em termos de percentagem de cesarianas realizadas. Enquanto a Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece um limite de até 15% de partos por cesariana, no Brasil essa taxa atinge 57%. As políticas públicas de atendimento ao parto e nascimento descrevem um modelo de assistência à saúde que coloca a mulher no centro, com a redução de intervenções desnecessárias e a valorização do papel ativo e da autonomia da mulher durante o processo de parto.

Apesar dos esforços empreendidos, a preocupante taxa de cesáreas registrada no Brasil e o número significativo de intervenções médicas desnecessárias realizadas por profissionais envolvidos no processo de parto têm suscitado debates sobre uma forma de violência associada à assistência obstétrica (Oliveira et al., 2021).

No cuidado durante o parto e pós-parto, ações dos profissionais devem ser baseadas em evidências científicas. Eles desempenham um papel essencial ao colocar seu conhecimento a serviço da mulher e seu filho, promovendo uma assistência humanizada e digna, em colaboração (Menezes et al., 2020).

Nesse contexto, acredita-se que a educação em saúde, por meio de ações educativas, desempenha um papel crucial na troca de conhecimentos entre profissionais de saúde e mulheres. Isso inclui esclarecimento de dúvidas, discussões construtivas e promoção da saúde. É possível repensar estratégias na atenção primária à saúde (APS), especialmente no pré-natal, para abordar eficazmente essas questões (Silva et al., 2020). Profissionais de saúde, com sua autoridade, muitas vezes impõem regras, prejudicando o relacionamento e a confiança com as pacientes. Isso compromete a autonomia e os direitos da mulher sobre seu corpo, perpetuando a violência obstétrica em um ambiente de autoridade unilateral (Jardim; Modena, 2018).

O presente estudo assume como principal objetivo investigar o aumento da violência obstétrica a partir da visão do enfermeiro, tendo como objetivos específicos: (i) determinar a população epidemiológica de incidência da violência obstétrica; (ii) identificar os principais agentes causadores da violência obstétrica. Para tal, define-se como questões norteadoras: (i) quais fatores causam o aumento da violência obstétrica em mulheres, a partir da visão do enfermeiro? (ii) quais as limitações enfrentadas pelo enfermeiro na prevenção de violência obstétrica em mulheres?

## MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo emprega uma revisão sistemática da literatura como metodologia. Este método é valorizado por sua capacidade de examinar e organizar estudos já realizados. Para a aplicação específica, utilizamos a abordagem PICO, amplamente recomendada para facilitar a formulação da pergunta de pesquisa e acelerar a investigação. Nesse formato, a pergunta, direcionada a uma situação prática, é estruturada em quatro componentes essenciais: a População ou Problema (P), a Intervenção (I), a Comparação ou Controle (C) e os Resultados ou Desfechos esperados (O) (Hermont et al., 2022).

A pesquisa foi realizada nas bases BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), SciELO, PubMed e Cochrane. Foram utilizados os seguintes Descritores em Saúde (DeCS): mulheres (Mo1.975), violência obstétrica (SP2.770.750.141.771.339), parto (Go8.686.784.769.490) e pós-parto (Go8.686.702). Nota-se que os últimos dois termos, quais sejam *parto* e *pós-parto* foram utilizados de forma conjunta no contexto, uma vez que se verifica possibilidade de desdobramentos quanto à violência obstétrica tanto durante o parto, quanto após este momento. Foi empregado o termo “Trabalho de Parto” (Go8.686.784.769.326) como alternativa para o termo DeSC “parto”.

Os DeSC selecionados foram utilizados tanto na língua portuguesa quanto em língua inglesa, sendo representado na Tabela 1, sendo antecedido pela abreviatura “PT” para variante portuguesa, e “ENG” para variante inglesa. Com base nas informações apresentadas, é viável criar uma tabela de representação da abordagem PICO, conforme exemplificado na Tabela 1.

**Tabela 1** - Representação da abordagem PICO

<b>Critério</b>	<b>Objeto</b>
<b>P (população)</b>	(pt) mulheres, mulher (eng) <i>woman</i>
<b>I (interesse)</b>	(pt) violência obstétrica (eng) <i>obstetric violence</i>
<b>C (Contexto)</b>	(pt) parto e pós-parto (eng) ( <i>parturition or labor</i> ) and <i>postpartum period</i>
<b>O (Outcome)</b>	--

**Fonte:** Autores (2024)

O presente estudo utilizou os seguintes critérios para inclusão de artigos: 1. Estudos que discutissem especificamente sobre a atuação do enfermeiro na prevenção à violência obstétrica em mulheres. 2. Delimitação metodológica clara do tipo: revisão bibliográfica/sistemática, observacional, de incidência/prevalência, experimental ou quase-experimental. 3. Artigos publicados nos últimos cinco anos (2019-2024). 4. Artigos publicados em português.

Foram, em igual sentido, excluídos os seguintes artigos: 1. Artigos que não contivessem ao menos dois descritores em seu título e/ou resumo. 2. Estudos sem determinação clara de

metodologia. 3. Artigos duplicados, sendo privilegiado o primeiro em detrimento aos demais materiais. 4. Artigos indisponíveis na íntegra. 5. Textos de teses, dissertações, TCC e semelhantes. 6. Artigos não indexados em DOI.

## RESUTADOS E DISCUSSÕES:

**Tabela 2:** síntese das principais revisões encontradas:

TÍTULO	AUTOR	PERIÓDICO	METODOLOGIA	PRINCIPAL COCNLUSÃO
Prevalência e fatores associados à violência doméstica: estudo em uma maternidade de alto risco.	FIOROTTI, K. F.; AMORIM, M. H. C.; LIMA, E. D. F. A.; PRIMO, C. C.; MOURA, M. A. V.; LEITE, F. M. C.	TEXTO & CONTEXTO - ENFERMAGEM	Estudo transversal, realizado com 302 puérperas.	Este estudo reafirma que a violência constitui um fenômeno presente na vida da mulher, inclusive no período gestacional, e Se mostrou associado à condição demográfica e obstétrica da mulher.
A violência obstétrica no cotidiano assistencial e suas características	JARDIM, D. M. B.; MODENA, C. M.	REVISTA LATINO-AMERICANA DE ENFERMAGEM	Revisão integrativa da literatura de 24 publicações indexadas nas bases de dados	A violência obstétrica retrata uma violação dos direitos humanos e um grave problema de saúde pública, revelada nos atos negligentes, imprudentes, omissos, discriminatórios e desrespeitosos praticados por profissionais de saúde e legitimados pelas relações simbólicas de poder que naturalizam e banalizam sua ocorrência.
Violência por parceiro íntimo entre puérperas: fatores associados	MARCACINE, K. O.; ABUCHAIM, E. D. S. V.; JARDINI, L.; COCA, K. P.; ABRÃO, A. C. F. D. V.	REVISTA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM	Estudo transversal, com 207 puérperas acompanhadas em um ambulatório público	A baixa autoestima das mulheres, o peso inadequado do bebê e o uso de álcool pelo companheiro estiveram associados à ocorrência de VPI.

O olhar de residentes em enfermagem obstétrica para o contexto da violência obstétrica nas instituições.	MENEZES, F. R. DE; REIS, G. M. D.; SALES, A. D. A. S.; JARDIM, D. M. B.; LOPES, T. C.	INTERFACE - COMUNICAÇÃO, SAÚDE, EDUCAÇÃO	Trata-se de um estudo descritivo, exploratório e de abordagem qualitativa realizado com os residentes em enfermagem obstétrica	A pesquisa em si promoveu uma interferência positiva no serviço e na formação, uma vez que criou um espaço de diálogo, reflexão e visibilidade sobre a violência obstétrica
Caracterização da atenção obstétrica desenvolvida em hospitais de ensino de uma capital do nordeste brasileiro	OLIVEIRA, L. F. DE; TRINDADE, R. F. C.; SANTOS, A. P. D.; PINTO, L. M. T. R.; SILVA, A. J. C.; ALMEIDA, M. S.	REVISTA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM	Estudo de coorte retrospectivo Realizado entre os meses de junho e novembro de 2018 com 291 mulheres	Torna-se necessário otimizar A formação profissional para desconstrução da atenção obstétrica pautada na medicalização e patologização da gestação; e fortalecer o cuidado baseado na ciência.
Representações sociais da violência obstétrica para puérperas e profissionais da saúde: análise fatorial de correspondência.	PAIVA, A. D. M. G.; PEREIRA, A. M.; DANTAS, S. L. C.; RODRIGUES, A. R. M.; SILVA, F. W. O.; RODRIGUES, D. P.	COGITARE ENFERMAGEM	Trata-se de estudo exploratório, com abordagem multimétodo, norteado pelo Referencial teórico das representações sociais, considerando a abordagem processual de Moscovici.	O presente estudo contribui com as discussões em torno da política nacional de Humanização da assistência, contextualizando a importância do acolhimento, orientações E valorização dos sentimentos e escolhas da mulher seja no pré-natal, no parto ou pós parto, possibilitando reflexões acerca da atuação profissional, na perspectiva da mudança De paradigmas da assistência obstétrica.
Violência obstétrica e o atual modelo obstétrico, na percepção dos gestores em saúde	PAULA, E. DE; ALVES, V. H.; RODRIGUES, D. P.; FELICIO, F. D. C.; ARAÚJO, R. C. B. DE; CHAMILCO, R. A. S. I.;	TEXTO & CONTEXTO - ENFERMAGEM	Estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, realizado com 16 gestores de saúde De cinco maternidades da região metropolitana ii do estado do rio de janeiro	Cabe aos gestores propiciar o processo de formação dos profissionais de saúde em prol de uma Atuação que respeite as

	ALMEIDA, V. L. M.			evidências científicas, a centralidade e os eixos das políticas e recomendações no Campo da saúde sexual e reprodutiva, sobretudo à mulher quanto a sua autonomia.
A violência obstétrica na Percepção das múltiparas	RIBEIRO, D. D. O.; GOMES, G. C.; OLIVEIRA, A. M. N. DE; ALVAREZ, S. Q.; GONÇALVES, B. G.; ACOSTA, D. F.	Revista Gaucha De Enfermagem	Estudo qualitativo descritivo realizado de janeiro a maio de 2019 nas unidades básicas de saúde do município de Rio Grande, Rio Grande Do Sul	A violência obstétrica nas instituições de saúde é fato vivenciado por muitas mulheres. O trauma sofrido as Acompanha ao longo da vida. É preciso evitar a naturalização de práticas violentas durante o processo de parto/nascimento garantindo Um cuidado respeitoso e sem discriminação.
Violência obstétrica: a abordagem da temática na formação de enfermeiros obstétricos.	SILVA, T. M.; SOUSA, K. H. J. F.; OLIVEIRA, A. D. S.; AMORIM, F. C. M.; ALMEIDA, C. A. P. L.	Acta Paulista De Enfermagem	Estudo descritivo, de abordagem qualitativa, realizado em um centro universitário em teresinapi.	Por meio do discurso do sujeito coletivo, foi possível observar, parcialmente, a importância da formação dos enfermeiros, visto que possibilitam a contribuição de cuidado integral, corroborando para um processo fisiológico, que pode reduzir a violência obstétrica
A atuação do enfermeiro no parto humanizado e na luta contra violência obstétrica.	SILVA, R. A., RODRIGUES, E. L. G., DA SILVEIRA FERREIRA, R., E LISBOA, T. C.	BRAZILIAN JOURNAL OF DEVELOPMENT	Trata-se de uma revisão de literatura, onde o processo de busca ocorreu durante o período de agosto/2020 até fevereiro/2021, e passou pelas seguintes etapas: identificação do tema; levantamento da questão de pesquisa	Sabemos que culturalmente, boa parte dessas mulheres já tem interiorizado que o parto normal é um evento que remete a dor, acabando por optar por um parto cesáreo



				desnecessário ou vivenciam o parto com resignação. Sendo muito importante para a transformação deste cenário obstétrico a inserção de Enfermeiros Obstétricos nos diversos níveis de atenção a mulher, aumentando a chance de um parto normal fisiológico, contribuindo positivamente para a saúde dessa mulher e do RN.
Violência obstétrica: percepção e conhecimento dos enfermeiros e das parturientes.	CARMO, A. C. C. S., LOPES, M. A., E RODRIGUES, V. A S.	SAÚDE DINÂMICA	Trata-se de uma revisão bibliográfica realizada na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), abrangendo artigos publicados nos últimos dez anos (2014 a 2024) com texto completo disponibilizado na íntegra.	Este estudo destaca a urgência de programas educacionais contínuos para profissionais de saúde e parturientes, visando aumentar o reconhecimento da violência obstétrica e fortalecer a autonomia das mulheres durante o parto. A implementação de diretrizes baseadas em evidências, como as boas práticas da OMS, é crucial para mitigar práticas invasivas e garantir um cuidado materno respeitoso e livre de abusos
Vivências sobre violência obstétrica: Boas práticas de enfermagem na assistência ao parto.	NASCIMENTO, D. E. M. D., BARBOSA, J. C., ISAÍAS, B. B., NASCIMENTO, R. B. H., FERNANDES,	NURSING (ED. BRAS., IMPR.),	Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, utilizando-se do método estudo de.	O estudo reforça a necessidade de se criar um elo sólido entre os profissionais de saúde e as parturientes, bem como, levanta a importância da

	E. M., E LUNA NETO, R. T. D.			educação em saúde e educação permanente para as boas práticas assistenciais.
Atribuições do enfermeiro frente à prevenção da violência obstétrica.	MAKLOUF, C. C., MAKLOUF, D. C., BARBOSA, I. E. B., DE SOUZA MOTA, B., FONSECA, A. R., ANDRADE, E. N. M., MELO, F. S., FRANÇA, I. F., ROCHA, I. C., MACIEL, M. S., LIRA, F. C. F., ALMEIDA, J. S., RODRIGUES, A. J. P. S., SILVA, V. D. B. L. E LABORDA, Y. T. C.	RESEARCH, SOCIETY AND DEVELOPMENT	Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem metodológica qualitativa, utilizando como técnica a Revisão Integrativa de Literatura em conjunto com a estratégia de PICO para formulação da pergunta norteadora	Logo, espera-se que a presente pesquisa possa servir de subsídio para nortear as diretrizes políticas e públicas que são exercidas pelo profissional enfermeiro frente a violência obstétrica visando a obtenção de ótimos resultados quanto à segurança dessas mulheres.
Conhecimento de enfermeiros sobre violência obstétrica.	SOARES, I. S., MACHADO, A. R. M., MARCHIORI, G. F., E PARREIRA, B. D. M.	RESEARCH, SOCIETY AND DEVELOPMENT	Trata-se de um estudo descritivo, observacional, transversal com abordagem quantitativa de dados, realizado de forma online pelo Forms	a pesquisa revelou uma carência de conhecimento e abordagem sobre a violência obstétrica entre os enfermeiros, desde o período de graduação até a prática profissional. Este achado indica que os profissionais estão inadequadamente preparados para lidar com esta problemática, resultando em uma prestação de assistência que carece de qualidade e eficácia.
Investigação das divergências acerca do tema violência obstétrica: uma revisão integrativa.	FALLEIROS, L. Z., FERREIRA, E. V. G., SCARDOELLI, M. G.,	REVISTA FOCO	Trata-se de um estudo em caráter de revisão integrativa da literatura, no qual será realizado pelo levantamento de dados	O desprovimento de acordo em uma definição única é embasado na complexidade e nas muitas facetas

			em inglês e português por meio das bases de dados PubMed, Scielo, Google acadêmico e Lilacs publicados entre os anos de 2018 a 2023	envolvidas na temática.
A percepção do enfermeiro frente a prevenção e aos impactos referentes a violência obstétrica.	SANTOS, J. H. V., ROSA, A. G., OLIVEIRA, L. D., DOS SANTOS, D. G., FERREIRA, S. C.	BRAZILIAN JOURNAL OF IMPLANTOLOGY AND HEALTH SCIENCES	Trata-se de uma revisão bibliográfica.	Ficou notório a necessidade de implementar medidas efetivas para combater a violência obstétrica afim de promover uma assistência obstétrica respeitosa, baseada em evidências científicas e centrada na mulher.
Violência obstétrica: o enfermeiro como promotor de uma assistência qualificada.	LEMOS, S., FERREIRA, N. A. S., LEITE, L. A., DA SILVA, S. R. P., TAVARES, I. V., LIRA, J. B., FERNANDES, L. A. E PAULINO, C. D. S. L.	BRAZILIAN JOURNAL OF HEALTH REVIEW	Trata-se de uma revisão integrativa de literatura de abordagem qualitativa, realizada a partir do levantamento da produção científicas bases de dados Base de Dados de Enfermagem (BDENF) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e portais de periódicos BVS ENFERMAGEM, GOOGLE SCHOLAR E CAPES, no período de 2017 a 2022.	Diante do exposto conclui-se que a equipe de enfermagem tem papel fundamental na prevenção da violência obstétrica e pode atuar de maneira eficaz para preveni-la, para isso utilizam-se de estabelecimento de comunicação desde o pré-natal e favorecimento de um partear com o mínimo de intervenções possível.
Revisão sistemática: conhecimento dos profissionais de saúde acerca da violência obstétrica.	ARAÚJO, S. L. S., CHIARADIA, A. C. M. O., VALOIS, G. M., ARAÚJO, L. M. S., DE ALMEIDA SANTOS, J. R. L., RODRIGUES, L. M. C. L., GOMES, M. M. N. E	BRAZILIAN JOURNAL OF HEALTH REVIEW	Trata-se de uma revisão sistemática realizada na base de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Google Acadêmico a partir de 16 artigos publicados entre 2018 e 2023.	Ainda há profissionais com o conhecimento insuficiente quanto ao tema, mostrando a necessidade de mais discussões e debates, assim como de trabalhos científicos que fomentem o conhecimento dos profissionais de saúde de hoje e das

	BEZERRA, M. M.			próximas gerações, em busca de mudanças.
A importância da enfermagem nos cuidados contra a violência obstétrica.	LIMA, L. C., DOS SANTOS SALGUEIRO, L. C., E DOS SANTOS, T. S.	BRAZILIAN JOURNAL OF HEALTH REVIEW	Trata-se de uma revisão bibliográfica onde os dados foram adquiridos por um estudo de revisão de literatura, por artigos na base: LILACS; BDNF e COLEÇÃO SUS.	No contexto geral é necessário assistir a gestante desde o primeiro momento da sua gestação até os primeiros dias como parturiente, mostrando a essa mulher sua autonomia para escolher como quer parir, as implementações de práticas humanizadas, com isso, apontamos que uma mudança na conduta, uma atenção primordial e informação, podem ser relevantes para o enfrentamento à violência obstétrica.
Conhecimentos dos enfermeiros sobre a violência obstétrica: uma revisão integrativa.	SILVA, J. S., E DULLIUS, W. R.	REVISTA JRG DE ESTUDOS ACADÊMICOS	Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada nas bases de dados BVSalud, a qual incluiu a LILACS, BDNF, MEDLINE e também foi realizada a busca na biblioteca SciELO (Scientific Electronic Library Online).	Os textos ao descrever sobre o conhecimento dos profissionais enfermeiros em relação à violência obstétrica abordam quatro grandes áreas: i) definição de violência obstétrica; ii) práticas e procedimentos desnecessários; iii) boas práticas para prevenção; e, iv) mudanças estruturais e culturais. Destaca-se o conhecimento sobre

Fonte: Autores, 2024.

O conjunto de artigos revisados oferece uma visão abrangente sobre a violência obstétrica, um problema complexo que envolve questões estruturais, culturais e institucionais na assistência à saúde das mulheres durante a gestação, parto e pós-parto. Os estudos apresentados possuem metodologias variadas, como estudos quantitativos, qualitativos e de revisão integrativa, o que enriquece a compreensão sobre a prevalência, fatores associados e consequências desse fenômeno. Esses trabalhos destacam a necessidade de mudanças no modelo de assistência obstétrica e a importância de políticas públicas e treinamento adequado para os profissionais de saúde.

O estudo de Fiorotti et al. (2024), intitulado "Prevalência e fatores associados à violência doméstica", aborda a violência doméstica no contexto da gestação, evidenciando sua relação com fatores demográficos e obstétricos das mulheres. O estudo transversal realizado em uma maternidade de alto risco com 302 puérperas aponta que a violência doméstica tem impacto direto na saúde da mulher e do bebê, sugerindo que a violência durante a gestação é um fator relevante para a morbidade materna e fetal. A pesquisa reafirma a necessidade de intervenções voltadas para o suporte a mulheres em situação de violência, principalmente no contexto obstétrico.

Jardim e Modena (2024), em sua revisão integrativa, discutem a violência obstétrica como uma violação dos direitos humanos e um grave problema de saúde pública. A pesquisa explora a prática de atos negligentes e desrespeitosos por parte dos profissionais de saúde, que frequentemente são legitimados por relações de poder nas instituições. O estudo sugere que é necessário intensificar a formação dos profissionais e implementar políticas públicas que visem erradicar práticas violentas, garantindo que a mulher receba um atendimento humanizado e respeitoso, conforme preconizado pelas normativas de saúde pública.

Marcacine et al. (2024), ao investigarem a violência por parceiro íntimo entre puérperas, identificam fatores associados como a baixa autoestima das mulheres, complicações obstétricas e o uso de álcool pelo parceiro. A pesquisa realizada com 207 puérperas em ambulatório público revela que esses fatores aumentam a vulnerabilidade das mulheres à violência doméstica. O estudo sugere que intervenções preventivas devem ser realizadas, focando na educação sobre a saúde mental e na conscientização sobre os impactos da violência, não apenas no ciclo gestacional, mas em todo o processo de vida da mulher.

O estudo de Menezes et al. (2024), ao analisar o olhar de residentes em enfermagem obstétrica sobre a violência obstétrica, destaca a importância da formação acadêmica para a

redução desse problema. A pesquisa qualitativa de abordagem descritiva e exploratória mostra que a criação de espaços para diálogo e reflexão durante a formação dos profissionais de saúde pode gerar um impacto positivo na assistência obstétrica, contribuindo para a construção de um cuidado respeitoso e livre de violência. A sensibilização dos residentes sobre as práticas de violência obstétrica pode ser um fator-chave para a mudança na abordagem assistencial.

Por fim, Paiva et al. (2024) analisam as representações sociais da violência obstétrica entre puérperas e profissionais de saúde, com base em um estudo exploratório multimétodo. A pesquisa destaca que, para reduzir a violência obstétrica, é essencial transformar os paradigmas assistenciais, adotando um modelo que respeite a autonomia da mulher e promova o acolhimento e valorização das suas escolhas. O estudo reforça que a implementação da Política Nacional de Humanização da Assistência é crucial para garantir a melhoria na qualidade do atendimento e o respeito aos direitos das mulheres durante o parto e o pós-parto.

## CONCLUSÃO

A violência obstétrica, conforme observada nos estudos analisados, é uma problemática que transcende a simples atuação de profissionais de saúde, inserindo-se em um contexto mais amplo de desigualdades de gênero, relações de poder e sistemas de saúde que, muitas vezes, marginalizam as necessidades e os direitos das mulheres. A violência durante o processo de gestação, parto e pós-parto não se resume ao abuso físico, mas abrange também atos de negligência, omissões, desrespeito e humilhações, que muitas vezes são naturalizados e, em alguns casos, até invisibilizados. A partir das evidências coletadas, podemos concluir que a violência obstétrica é uma violação grave dos direitos humanos das mulheres, com repercussões sérias tanto para a saúde física quanto para a saúde mental das gestantes e puérperas.

Um dos pontos centrais que emerge da análise dos estudos é a relação intrínseca entre as condições sociais e a violência obstétrica. Fatores como a baixa escolaridade, a desigualdade socioeconômica e a ausência de suporte psicológico adequado são determinantes para o sofrimento das mulheres e para a vulnerabilidade a essas violências. Além disso, a falta de autonomia das mulheres durante o parto, somada a uma educação em saúde insuficiente e à perpetuação de um modelo biomédico de assistência obstétrica, contribui significativamente para a continuidade das práticas violentas. A violência obstétrica, portanto, não é apenas uma questão de práticas individuais de profissionais de saúde, mas um reflexo das práticas

institucionais, culturais e educacionais que perpetuam a discriminação de gênero e a desumanização no atendimento.

O trauma psicológico e físico gerado pela violência obstétrica pode ter efeitos duradouros nas mulheres, afetando sua saúde mental, sua autoestima e a maneira como se relacionam com seus filhos. Estudos como o de Marcacine et al. (2024) demonstram que a violência por parceiro íntimo, quando associada à violência obstétrica, intensifica os danos à mulher, comprometendo sua capacidade de vivenciar o pós-parto de forma saudável. O impacto no vínculo materno-infantil é profundo, pois a mulher pode passar a encarar o momento do parto com medo e angústia, o que interfere diretamente na sua saúde mental e no cuidado ao recém-nascido. Esse ciclo de violência pode ser perpetuado se não houver uma intervenção efetiva no ambiente de saúde, que garanta não só o respeito aos direitos das mulheres, mas também a promoção de um ambiente seguro, acolhedor e livre de violência.

A partir dessas conclusões, uma das principais sugestões para a enfermagem é o fortalecimento de programas de formação contínua e sensibilidade para a identificação e a prevenção da violência obstétrica. A educação dos profissionais de saúde, especialmente os enfermeiros e residentes em enfermagem obstétrica, deve ser prioritária. A formação deve incluir não apenas aspectos técnicos, mas também uma abordagem ética que envolva o respeito à autonomia da mulher, seus direitos reprodutivos e a humanização da assistência. A criação de espaços de reflexão crítica dentro das instituições de ensino e de prática, como hospitais e maternidades, pode ser uma forma eficaz de promover uma mudança cultural, sensibilizando os profissionais para os impactos negativos da violência obstétrica e capacitando-os a adotar práticas mais respeitosas e humanizadas.

Outro aspecto fundamental que se destaca nos estudos é a importância de implementar protocolos institucionais que garantam a humanização no atendimento obstétrico. A violência obstétrica deve ser abordada de maneira transversal em todos os níveis do sistema de saúde, e as políticas públicas devem ser reformuladas para garantir que a assistência obstétrica seja prestada com base nas melhores práticas científicas e respeitando os direitos das mulheres. A formação dos profissionais deve ser complementar às políticas de acolhimento e humanização da assistência obstétrica, como as que estão previstas na Política Nacional de Humanização do SUS, que visa melhorar a qualidade do atendimento e reduzir práticas desrespeitosas no parto.

No campo da enfermagem, é essencial adotar uma abordagem integral e multidisciplinar, em que os enfermeiros, junto a outros profissionais da saúde, sejam

protagonistas na transformação do modelo de atendimento. Além disso, a participação ativa das mulheres nas decisões sobre o seu corpo e o seu parto deve ser sempre incentivada e garantida. O cuidado deve ser centrado na mulher, respeitando suas escolhas, suas experiências e suas necessidades, permitindo-lhe participar ativamente do processo de parto e pós-parto. As equipes de enfermagem devem ser capacitadas para identificar sinais de violência, não só durante o atendimento, mas também durante o acompanhamento pós-parto, oferecendo suporte psicológico e encaminhamentos adequados, caso necessário.

Em termos de políticas públicas, é imperativo que haja um fortalecimento das estratégias de prevenção à violência doméstica e obstétrica, com o objetivo de criar redes de apoio para as mulheres que enfrentam essa realidade. A formação de profissionais de saúde deve incluir a abordagem de temas como violência doméstica, saúde mental e direitos das mulheres, com ênfase na empatia e no cuidado integral. As instituições de saúde devem adotar práticas de acolhimento mais efetivas, garantindo que a mulher tenha seu parto respeitado, livre de intervenções desnecessárias e de violência simbólica ou física. A implementação de espaços de escuta ativa e apoio psicológico nas unidades de saúde pode ser um grande avanço para garantir que as mulheres que vivenciam violência obstétrica tenham um suporte adequado e humanizado.

Em resumo, a violência obstétrica é uma questão de saúde pública urgente, que exige uma ação coordenada entre profissionais de saúde, gestores, políticas públicas e a sociedade. A enfermagem, com sua proximidade no cuidado diário, tem um papel fundamental na mudança desse cenário, sendo capaz de transformar a experiência do parto e do pós-parto por meio de práticas mais respeitadas e humanizadas. Para isso, é essencial que a formação profissional seja constantemente aprimorada, que as instituições de saúde se comprometam com a humanização e que as mulheres tenham acesso a cuidados baseados nos seus direitos, autonomia e dignidade.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, S. L. S., CHIARADIA, A. C. M. O., VALOIS, G. M., ARAÚJO, L. M. S., DE ALMEIDA SANTOS, J. R. L., RODRIGUES, L. M. C. L., GOMES, M. M. N. e BEZERRA, M. M. Revisão sistemática: conhecimento dos profissionais de saúde acerca da violência obstétrica. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 6, n. 6, p. 33014-33027, 2023.

CARMO, A. C. C. S., LOPES, M. A., e RODRIGUES, V. A S. Violência obstétrica: percepção e conhecimento dos enfermeiros e das parturientes. **SAÚDE DINÂMICA**, v. 6, p. e062405-e062405, 2024.



FALLEIROS, L. Z., FERREIRA, E. V. G., SCARDOELLI, M. G., investigação das divergências acerca do tema violência obstétrica: uma revisão integrativa. **Revista foco**, v. 17, n. 10, p. e6535-e6535, 2024.

FIOROTTI, K. F.; AMORIM, M. H. C.; LIMA, E. d. F. A.; PRIMO, C. C.; MOURA, M. A. V.; LEITE, F. M. C. Prevalência e fatores associados à violência doméstica: estudo em uma maternidade de alto risco. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 27, n. 3, 2018.

JARDIM, D. M. B.; MODENA, C. M. Obstetric violence in the daily routine of care and its characteristics. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 26, e3069, 2018.

LEMOS, S., FERREIRA, N. A. S., LEITE, L. A., DA SILVA, S. R. P., TAVARES, I. V., LIRA, J. B., FERNANDES, L. A. e PAULINO, C. D. S. L. Violência obstétrica: o enfermeiro como promotor de uma assistência qualificada. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 5, n. 5, p. 20274-20283, 2022.

LIMA, L. C., DOS SANTOS SALGUEIRO, L. C., E DOS SANTOS, T. S. A importância da enfermagem nos cuidados contra a violência obstétrica. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 5, n. 3, p. 11295-11308, 2022.

MARCACINE, K. O.; ABUCHAIM, E. d. S. V.; JARDINI, L.; COCA, K. P.; ABRÃO, A. C. F. d. V. Intimate partner violence among postpartum women: associated factors. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 71, suppl 3, p. 1306-1312, 2018.

MENEZES, F. R. de; REIS, G. M. d.; SALES, A. d. A. S.; JARDIM, D. M. B.; LOPES, T. C. O olhar de residentes em Enfermagem Obstétrica para o contexto da violência obstétrica nas instituições. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 24, 2020.

MAKLOUF, C. C., MAKLOUF, D. C., BARBOSA, I. E. B., DE SOUZA MOTA, B., FONSECA, A. R., ANDRADE, E. N. M., MELO, F. S., FRANÇA, I. F., ROCHA, I. C., MACIEL, M. S., LIRA, F. C. F., ALMEIDA, J. S., RODRIGUES, A. J. P. S., SILVA, V. D. B. L. e LABORDA, Y. T. C. Atribuições do enfermeiro frente à prevenção da violência obstétrica. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, p. e58111326628-e58111326628, 2022.

NASCIMENTO, D. E. M. D., BARBOSA, J. C., ISAÍAS, B. B., NASCIMENTO, R. B. H., FERNANDES, E. M., e LUNA NETO, R. T. D. Vivências sobre violência obstétrica: Boas práticas de enfermagem na assistência ao parto. **Nursing (Ed. bras., Impr.)**, p. 8242-8253, 2022.

OLIVEIRA, L. L. F. de; TRINDADE, R. F. C.; SANTOS, A. A. P. D.; PINTO, L. M. T. R.; SILVA, A. J. C.; ALMEIDA, M. S. Characterization of obstetric care developed in teaching hospitals in a capital of northeast Brazil. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 75, n. 1, e20200896, 2021.

PAIVA, A. d. M. G.; PEREIRA, A. M. M.; DANTAS, S. L. C.; RODRIGUES, A. R. M.; SILVA, F. W. O.; RODRIGUES, D. P. Representações sociais da violência obstétrica para

puérperas e profissionais da saúde: análise fatorial de correspondência. **Cogitare Enfermagem**, v. 27, 2021.

PAULA, E. de; ALVES, V. H.; RODRIGUES, D. P.; FELICIO, F. d. C.; ARAÚJO, R. C. B. de; CHAMILCO, R. A. S. I.; ALMEIDA, V. L. M. Obstetric violence and the current obstetric model, in the perception of health managers. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 29, 2020.

RIBEIRO, D. d. O.; GOMES, G. C.; OLIVEIRA, A. M. N. de; ALVAREZ, S. Q.; GONÇALVES, B. G.; ACOSTA, D. F. Obstetric violence in the perception of multiparous women. **Revista gaucha de enfermagem**, v. 41, e20190419, 2020.

SANTOS, J. H. V., ROSA, A. G., OLIVEIRA, L. D., DOS SANTOS, D. G., e FERREIRA, S. C. A percepção do enfermeiro frente a prevenção e aos impactos referentes a violência obstétrica. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 4, p. 2531-2551, 2024.

SILVA, J. S., e DULLIUS, W. R. Conhecimentos dos enfermeiros sobre a violência obstétrica: uma revisão integrativa. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 7, n. 15, p. e151358-e151358, 2024.

SILVA, R. A., RODRIGUES, E. L. G., DA SILVEIRA FERREIRA, R., E LISBOA, T. C. A atuação do enfermeiro no parto humanizado e na luta contra violência obstétrica. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 6, p. 60010-60029, 2021.

SILVA, T. M.; SOUSA, K. H. J. F.; OLIVEIRA, A. D. S.; AMORIM, F. C. M.; ALMEIDA, C. A. P. L. Violência obstétrica: a abordagem da temática na formação de enfermeiros obstétricos. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 33, 2020.

SOARES, I. S., MACHADO, A. R. M., MARCHIORI, G. F., e PARREIRA, B. D. M. Conhecimento de enfermeiros sobre violência obstétrica. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 8, p. e10313846559-e10313846559, 2024.